

## NECROPODER E AS CIÊNCIAS SOCIAIS NO CONTEXTO DA PERIFERIA: O ATO DE SONHAR COMO POSSIBILIDADE DESCOLONIAL

Vico Melo

### Resumo

O necropoder, enquanto lógica inerente do capitalismo/colonialismo, é um poder desestruturador e de transformação do mundo da vida num mundo da exploração-expropriação. As ciências sociais construídas através do projeto colonial não escapam a esse processo desvirtuador, transformando o conhecimento em mercadoria. Portanto, é mais que necessário reconhecer a pluralidade de conhecimentos e restabelecer o ato de sonhar como possibilidade descolonial – nos seus mais diversos sentidos –, em que sentimos-pensamos-fazemos.

**Palavras-chave:** Necropoder; Capitalismo/colonialismo; Descolonial.

**Palabras clave:** Necropoder; Capitalismo/colonialismo; Decolonialismo.

### 1. Provocações Iniciais

Antes de se engajar na voz positiva,  
há a ser realizada uma tentativa de desalienação em prol da liberdade.  
(...) É através de uma tentativa de retomada de si e de despojamento,  
é pela tensão permanente de sua liberdade que os homens [as pessoas]  
podem criar  
as condições de existência ideais em um mundo humano.  
Superioridade? Inferioridade? Por que simplesmente não tentar sensibilizar o  
outro,  
sentir o outro, revelar-me outro? (Fanon, 2008, p. 191).

Pensar, escrever, discutir e expor sobre as ciências sociais na atualidade, principalmente em contextos periféricos, tornou-se nesses últimos tempos uma tarefa árdua, cansativa e muitas vezes pouco gratificante, devido a uma contestação muitas vezes desprovida de um senso lógico ou por um processo explícito de deslegitimação do lugar de fala do cientista social. Apesar de ser algo recente à primeira vista, essa violência ante um pensamento que se tente reflexivo e crítico, na verdade é parte integrante da lógica do capitalismo/colonialismo na formatação do pensamento moderno ocidental. Toda voz e pensamento dissonante daquilo que há

no Norte global é simplesmente silenciado ou deslegitimado pelo pensamento hegemônico/colonial.

Fazer uma discussão como essa é termos em mente a necessidade de compreender como o capitalismo/colonialismo, enquanto sistema, se formatou e se estabeleceu nas mentalidades e no âmbito simbólico em nossas sociedades. Normalmente somos levados a um erro de interpretação e de análise sobre o capitalismo, devido ao pensamento marxista ortodoxo ou do próprio liberalismo, de que tal sistema seria exclusivamente um sistema econômico. O processo de descolonização da mente passa, em primeiro lugar, pelo entendimento do capitalismo como um sistema totalizador, ou seja, um sistema que se apodera não só das relações econômicas, mas também nas formas de pensamento, nas relações sociais, políticas e culturais onde se estabelece.

## **2. O capitalismo/colonialismo como necropoder e as ciências sociais**

O capitalismo é, como bem afirmou Immanuel Wallerstein (1995) uma nova lógica sistêmica com pretensão universal, de se estabelecer em todas as partes e fendas do globo terrestre. E para além disso, o capitalismo visa mercantilizar o todo, objetos e vidas, transformando o mundo da vida em um mundo de mercadorias – pensamento, políticas, pessoas, culturas etc – sustentado em três pilares: exploração, acumulação e produção de excedentes. A vida se torna o lugar desses três produtos, transformando pessoas em “pessoas-máquinas”, “pessoas-mercadorias”, “pessoas-objetos” (Mbembe, 2014), onde a produção de conhecimentos não foge a essa lógica.

E é nesse sentido que o iluminismo, enquanto pensamento que surgia na “modernidade” europeia em oposição ao “obscurantismo” medieval, ia se colocando nas mentalidades enquanto único conhecimento válido, calcado na razão. A filosofia e a ideia de uma ciência (social) válida se estabeleciam num modelo de desenvolvimento histórico que migrava da Ásia (enquanto representação de civilização no passado e de decadência no presente) para a Europa (um presente e futuro de grandiosidades), sendo a Inglaterra, a França e a Alemanha, convencionadas como o “coração da Europa”, os centros da produção de

conhecimento verdadeiro, racional e de nível mais elevado (DUSSEL, 1993; MIGNOLO, 2011).

Edgard Lander (2005, p. 13) expõe de um modo bastante sucinto como as ciências sociais foram fundadas em quatro cosmovisões:

1) a visão universal da história associada à ideia de progresso (a partir da qual se constrói a classificação e hierarquização de todos os povos, continentes e experiências históricas); 2) a ‘naturalização’ tanto das relações sociais como da ‘natureza humana’ da sociedade liberal-capitalista; 3) a naturalização ou ontologização das múltiplas separações próprias dessa sociedade; 4) a necessária superioridade dos conhecimentos que essa sociedade produz (‘ciência’) em relação a todos os outros conhecimentos.

O iluminismo ascende em um processo coetâneo com o capitalismo/colonialismo, se constituindo conjuntamente e legitimando um ao outro, tendo a empreitada colonial promovida pela Europa, a partir do século XV, como foco principal. A razão, enquanto peça central do pensamento moderno ocidental teve (e ainda tem) a característica não só de diferenciar as sociedades entre si – as civilizadas fundadas na razão e as selvagens “estancadas” num estado de natureza –, mas de transformar o “outro” enquanto um nada (MBEMBE, 2001), num espaço-tempo-vazio-homogêneo. Aqui, opera fortemente a lógica do epistemicídio, da invisibilidade e destruição de saberes outros que não estejam calcados nos métodos da ciência moderna ocidental. A esse tipo de lógica, podemos chamar de necropoder (MBEMBE, 2015; 2017).

O necropoder age através do capitalismo como um poder desestruturador, baseado na violência e na transformação contínua do mundo da vida num mundo da exploração e da morte nos contextos de colonização. As sociedades que viviam sob o jugo colonial estavam completamente excluídas do ordenamento construído nas sociedades europeias, do direito público, da soberania e do pensamento autônomo. Às populações colonizadas foi destinado o espaço do vazio e da violência, onde a destruição e a morte, de tudo aquilo que pertence ao mundo da vida, eram as constantes impostas pelo necropoder.

Dessa forma, o pensamento moderno ocidental criou e instituiu a sua ciência e os seus pensadores como regra de uma forma de ser, estar e pensar como universal e abstrato, devido aos seus métodos de produção convencionados como “científico”, ou aquilo que eles acreditam como unicamente válido, pois o saber

ocidental tem significado “o Ocidente generalizando essas experiências da história como a experiência universal do mundo. O que é Ocidental torna-se universal e o que é Terceiro Mundo, torna-se local” (THIONG’O, 1993, p. 25).

### **3. O ato de sonhar como possibilidade descolonial nas ciências sociais: contribuições da e para as margens**

É importante frisar que esse ensaio em nada desmerece ou tenta negar a importância das produções das ciências sociais promovidas pelo pensamento moderno ocidental. Pelo contrário, o que se pretende é demonstrar a relevância em expor os limites, mesmo daqueles constituídos como pensamentos críticos, acerca das realidades vivenciadas na periferia do sistema mundo, onde lógicas de existência, relações e produção foram completamente distintas das experiências vividas no centro do capitalismo. Ou seja, mesmo as literaturas que intentaram uma linha de cunho mais humanístico, dentro desse contexto eurocêntrico, deram seguimento ao problema em ocultar outras formas de pensamento que fossem além do pensamento moderno ocidental, o que Thiong’o (1993, p. 14) muito bem explicitou:

O lado humanístico da literatura europeia reflete, claro, as lutas sociais dos povos europeus. Mas dada a dominação do Ocidente sobre o resto do mundo, através de momentos históricos repressivos como o comércio de escravos e a escravidão, colonialismo e correntemente o neocolonialismo, esta literatura tende a optar pelo silêncio ou ambivalência ou a franca colaboração.

A construção de uma ciência social que rompa com o modelo de tradicional de ver, produzir e reconhecer a própria produção de conhecimento, tem de passar por um processo de contestação e reapropriação por parte dos conhecimentos endógenos, produzidos a partir desse Sul global. A isso há que se ter uma concepção acerca da geopolítica descolonial do conhecimento, como Maldonado Torres (2008) propõe através da “diversalidade radical” ou a proposta por Boaventura de Sousa Santos através das “epistemologias do Sul”. Aqui há que se pôr em prática as experiências e os pensamentos pós/descoloniais, com intuito de promover um diálogo transversal entre a pluralidade de saberes produzidos e existentes no Sul global.

Esse diálogo horizontal de saberes tem de ocorrer através de um universalismo depositário de todos os particulares, que saiba coexistir entre eles (CESAIRE, 2008). O processo de reconhecimento da inexistência de um universalismo abstrato é parte integrante da contestação ao projeto do capitalismo/colonialismo, que impõe a universalização de seu particular sobre toda a diversidade global. Ao contrário do que impõe o capitalismo/colonialismo, cada um de nós, eu ou qualquer outra pessoa, somos um “todo físico-químico-biológico-social-cultural” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 86), que fazemos parte de um universo heterogêneo com distintas realidades histórico-sociais- raciais-sexuais-culturais-econômicas. Não é possível tentar compreender essa diversidade global e dos seres a partir de uma lógica monocultural, de um mundo numa eterna luta dicotômica entre ciência/senso comum, civilizados/bárbaros, desenvolvidos/subdesenvolvidos e democracias/ditaduras (SANTOS, 2010; GROSGOUEL; MIGNOLO, 2007; MIGNOLO, 2011).

E a sociedade brasileira não escapa a essa problemática, sociedade construída sobre a violência física e simbólica do capitalismo/colonialismo, onde diuturnamente saberes e conhecimentos endógenos são desperdiçados ou simplesmente negadas pela academia tradicional – ou no dia a dia das relações sociais. A ascensão de um projeto político e de pensamento conservador desde 2013, consolidado através do golpe de 2016 e nas eleições de 2018, demonstram o quão em prática continua a lógica do necropoder na sociedade brasileira. A negação de direitos sociais, trabalhistas, do direito à existência das minorias (que acabam por ser a maioria em realidade), da expropriação e da deslegitimação de conhecimentos outros (a exemplo dos discursos dos atuais ministros e secretários da educação), nos mostra o longo caminho que as ciências sociais ainda têm para descolonizar as mentes e práticas sociais no Brasil.

Devemos reconhecer a produção das ciências sociais para além da racionalidade absoluta, do “penso, logo existo”, através da concepção que sentimos-pensamos-fazemos, não podendo desassociar a mente do corpo e nem do sentimento. A corpo-política se torna, também, um espaço de contestação e de criação de uma outra ciência social. Como bem afirmava Fanon, “Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem [uma pessoa] que questiona” (2008, p. 191)! Essa corpo-política é parte da imaginação de um futuro diferente, que se sustentando ato de

sonhar. Mas um sonhar de transformação, onde a abertura em humanidade esteja no centro dessa proposta. Como bem afirma Thiong'o:

Alguns cínicos, educados numa paralisante falta de confiança em si mesmos, verão nessa convocação um sonho impossível. Mas os sonhos sempre tem gerado imagens do que é idealmente possível. Com nossa imaginação, esboçamos os perfis de um futuro que logo realizaremos. Nos tempos em que alguns poucos seres humanos começaram a conceber a possibilidade de voar, os chamaram de sonhadores, não realistas. (...) Na época das plantações escravagistas, se considerava sonhador aos que falavam de liberdade. (...) O mesmo ocorreu com os sonhadores da resistência colonial, que continuaram imaginando a vitória e trabalhando para logr -la. Nosso mundo contemporâneo deve muito aos que se atreveram a sonhar"! (2017, p. 79)

Portanto, este ensaio não pretende colocar respostas fáceis ou receitas, pois seria cair na mesma lógica da institui o da ciência moderna e tradicional de um poder silenciador, mas sim, convocar a imaginarmos e a sonharmos outras possibilidades de diálogos, pensamentos e de a o existentes no Sul global e, porque não, no Norte global. Imaginar o que os pensamentos ameríndios Qu chuas e Aymaras do Bem-Viver tem a dialogar com as filosofias africanas como o Ubuntu. Como os pensamentos afro-diaspóricos podem promover uma constru o sobre suas percep es de mundo com os estudos africanos? E como o Brasil pode absorver toda essa potencialidade de tráfegos de saberes? A nós, cabe sonhar e intentar construir um futuro de um mundo idealmente alcan vel, onde a ascensão em humanidade seja o centro desse processo.

## Refer ncias

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. "Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes". Em: GROSFOGUEL, Ramón; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El giro decolonial: refl exiones para una diversidad epistémica m s all  del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

C SAIRE, Aim . Discurso Sobre el Colonialismo. Madrid: Ediciones Akal, 2006.

DUSSEL, Enrique. 1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. PELE NEGRA, MÁSCARAS BRANCAS. SALVADOR: EDUFBA, 2008.

GROSGOUEL, Ramón; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

LANDER, Edgard. “Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos”. Em: LANDER, Edgard. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento modernidade, império e colonialidade”. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, p. 71-114, 2008.

MBEMBE, Achille. “As formas africanas de auto-inscrição”. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, p. 171-209, 2001.

\_\_\_\_\_. “Necropolítica”. Arte & Ensaios, n. 32, p. 123-151, 2015.

\_\_\_\_\_. Políticas da Inimizade. Lisboa: Antígona, 2017

MIGNOLO, Walter D. The Darker Side of Western Modernity: global futures, decolonial options. Durham & London: Duke University Press, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. (Orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula. (Orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

THIONG’O, Ngugi wa. Moving the Centre: The Struggle for Cultural Freedoms. Nairobi: EAEP, 1993.

\_\_\_\_\_. Reforzar los Cimientos. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1995.